CIÊNCIA NAS REDES SOCIAIS?

Você pode não ter notado ainda, mas as redes sociais são muito mais do que apenas espaços virtuais para conectar pessoas. Os canais digitais, denominação que abrange os diferentes tipos de plataformas e serviços, são poderosas ferramentas de comunicação usadas por bilhões de pessoas diariamente e que impactam nossa sociedade, cultura, economia e forma como entendermos o mundo e as pessoas. Nem tudo são flores no uso desses canais,[1,2] é claro, porém me parece inconcebível que em 2021 ainda exista preconceito quanto ao uso dessas redes por pesquisadores(as) e participantes do meio acadêmico. Usar para diversão ou como coluna social? Adoro! 😊 Usar para fins profissionais e científicos? Não tenho tempo.☹

Se você faz parte do meio acadêmico e ainda não entendeu que a ciência e a universidade precisam estar mais próximas das pessoas, reavalie seus conceitos com urgência. Se você é professor(a) de um programa de pós-graduação e não incentiva pós-graduandos a buscarem novas formas de comunicação e difusão de conhecimento científico, reavalie além. A pandemia escancarou o abismo que existe entre esses mundos e a dificuldade de pessoas leigas entenderem como a ciência funciona. Sem entenderem, fica mais difícil que valorizem seus produtos. Não à toa crescem movimentos de terraplanismo, anticiência, antivacina e antiflúor. E adivinhe onde esses movimentos fazem barulho e tomam força? Nos canais digitais,[3,4] é claro!

Artigos científicos são extremamente importantes e certamente vamos continuar difundindo resultados e conhecimento por meio destes, porém se comunicam primariamente com outros pesquisadores. E muitas vezes em idioma pouco familiar a dentistas e outros usuários finais da informação, sem contar que o acesso ao texto nem sempre é aberto. Teses e dissertações são lidas apenas pela banca — admita. Trabalhos apresentados em eventos estão cada vez mais fragmentados e as salas vazias – além da banca, quem está mesmo ouvindo? Imagine você abordando um tema contemporâneo, como pseudociências, num congresso científico — quem está na plateia não é necessariamente quem precisaria lhe ouvir. Então onde você fala o que tem a dizer?

Podemos não gostar de tudo que envolve os canais digitais, porém você acha mesmo que o uso desses aplicativos e serviços vai diminuir nos próximos 10–20 anos? Se a ciência não estiver lá, o espaço será ocupado por quem não tem compromisso científico e sujeito a variados conflitos de interesse comerciais, ideológicos e políticos nem sempre esclarecidos. O que é mais fácil para um(a) dentista, ler vários artigos de pesquisa publicados no ano ou seguir a dica do(a) dentista do Instagram? Precisamos rever a engenharia da produção de conhecimento científico e especialmente a forma como divulgamos o que é feito nos programas de pós-graduação e universidades brasileiras. No fim das contas, estamos perpetuando um sistema de comunicação que pouco se conecta com as pessoas no dia-a-dia e contribui para manutenção de um distanciamento indesejado entre a academia e a sociedade. O sistema precisa ser mudado de dentro pra fora, por ação de seus participantes. Você vai se engajar na mudança ou prefere ficar esperando alguém fazer alguma coisa?

REFERÊNCIAS

1. Wiederhold BK. Instagram: becoming a worldwide problem? Cyberpsychol Behav Soc Netw 2019; 22:567-8. doi: 10.1089/cyber.2019.29160.bkw.
2. Cinelli M, Quattrociocchi W., Galeazzi A, Valensise CM, Brugnoli E, Schmidt AL *et al*. The COVID-19 social media infodemic. Sci Rep 2020; 10:16598. doi: 10.1038/s41598-020-73510-5.
3. Gierth L & Bromme R. Attacking science on social media: How user comments affect perceived trustworthiness and credibility. Public Underst Sci 2020; 29:230-47. doi: 10.1177/0963662519889275.
4. Johnson NF, Leahy R, Gabriel N, El Oud S, Zheng M, Manrique P, *et al*. The online competition between pro- and anti-vaccination views. Nature 2020; 582:230-3. doi: 10.1038/s41586-020-2281-1.

Rafael R. Moraes
Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: rafael.moraes@ufpel.edu.br